

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Disciplina: PSE 5932-2018 – Psicologia e Povos Indígenas

Professores: Danilo Silva Guimarães e Ramiro German Gonzalez Rial

Aluna: Paula G. Rasia Lira – N° USP: 10628979

### **Interações sociais cooperativas: mimetização, empatia e compartilhamento**

O presente trabalho tem como objetivo propor caminhos teóricos e metodológicos para se investigar a construção de interações sociais cooperativas entre crianças de diferentes etnias. Considerando as discussões realizadas na disciplina “Psicologia e povos indígenas: aspectos éticos, teóricos e metodológicos”, se buscará construir possíveis articulações entre a Psicoetologia e a Psicologia Cultural para compreensão dos processos comunicativos corporeados e o compartilhamentos de significados culturais.

#### **1. Cuidado cooperativo e as habilidades de compreensão social**

A vida social não é regra entre as diversas espécies de animais. Dentre as aves, aproximadamente 2% das 9000 espécies do mundo vivem em grupos de co-específicos, enquanto que nos felinos somente os leões exibem características de organização social. Considerando as espécies sociais, também é possível verificar a pluralidade da expressão da sociabilidade através dos diferentes tipos de comportamentos e organizações. A sociabilidade é um fenômeno atrelado a benefícios e custos para os integrantes dos grupos. (Macedo, 2011, Alcock, 2016).

Um exemplo de expressão de sociabilidade disseminada dentre o reino animal é o cuidado parental. Nas espécies que realizam o investimento parental, apenas produzir descendentes não é o suficiente, também é necessário realizar um conjunto de cuidados

durante um certo tempo até que a prole esteja apta a se reproduzir (Vieira, Rimoli, Prado & Chelini, 2009).

O comportamento parental se manifesta de distintas formas entre os machos e fêmeas das espécies que realizam tal investimento. Característica marcante nos mamíferos, esse comportamento também pode ser verificado em algumas espécies de aves e répteis, como por exemplo, espécies da ordem Crocódilia (de Waal, 2013).

Uma das expressões de investimento parental exibida no reino animal é a expansão do cuidado da prole para o grupo social, o cuidado alo parental. Este termo é utilizado para se referir a assistência concedida pelo grupo social para prover e cuidar dos descendentes dos membros daquele grupo (Hrdy, 2011).

Hrdy (2011) utiliza o termo “cuidado cooperativo” para aludir a sistema de alo cuidado que emergiu em uma linhagem de macacos em um contexto evolutivo, no qual a taxa mortalidade de filhotes era bastante alta considerando predação, acidentes, doenças e outros fatores, mais da metade, e por vezes, toda a prole de uma fêmea morreria antes de atingir a puberdade.

O surgimento desse tipo de cuidado cooperativo possibilitou que as mães pudessem contar com os membros do grupo para proteger, cuidar e prover pelos filhotes permitindo que estes se desenvolvessem por meio de novas trajetórias de desenvolvimento ainda não vivenciadas. Esses filhotes dependeriam, dentre outros aspectos, de recursos nutricionais de seus cuidadores por um longo período após seu nascimento. As fêmeas dariam luz a um novo filhote antes de que a primeira prole estivesse autossuficiente, de forma que, a mãe precisaria de ajuda dos pares e esse novo bebê precisaria atrair a atenção de seus cuidadores (Hrdy, 2011).

O sistema de cuidado cooperativo construiria então, um contexto seletivo no qual habilidades de compartilhamento de estados emocionais e mentais teriam uma especial

importância. Os bebês que melhor conseguissem discernir pensamentos e emoções de seus cuidadores, e estabelecer uma comunicação emocional e referencial teriam mais sucesso em solicitar ajuda e cuidado (Tomasello & Gonzalez-Cabrera, 2017).

Tomasello e Gonzalez-Cabrera (2017) propõem que este sistema de cuidado cooperativo e as formas colaborativas de forrageamento teriam uma estreita relação, pois mães que recebessem ajuda conseguiriam ser mais produtivas no forrageamento colaborativo, e a comunidade seria beneficiada. Para os autores, essa hipótese poderia explicar o surgimento das habilidades de compreensão social no desenvolvimento ontogenético humano – como adaptações em bebês e crianças mais novas para uma infância em um sistema de cuidado cooperativo - e posteriormente estendidas para crianças mais velhas e adultos ao interagir com outros sistemas de cooperação social.

Esta trajetória evolutiva revelaria a estreita articulação entre as habilidades de compreensão social e as atividades cooperativas. Hrdy (2011) indica que os interesses e habilidades para escanear e mimetizar faces e posturas corporais, compreender o que os outros pensam e pretendem, ser empático e se preocupar com as experiências e objetivos dos co-específicos fariam os humanos mais adeptos a se engajar cooperativamente.

### 1.1. Empatia e mimetismo

Historicamente, o campo de estudo que se debruça sobre estas habilidades de compreensão social é marcado pelas discordâncias. Formado por diversas ciências, entre elas a filosofia, teologia, psicologia, etologia e neurociências, e existente há centenas de anos, o campo sofre pela falta de consenso sobre a natureza dos fenômenos, sendo marcado pela dicotomia cognição versus emoção (Preston & de Waal, 2002).

Uma gama diversa de conceitos busca dar conta da complexidade das exibições destes fenômenos em humanos e outras espécies, como por exemplo: *teoria da mente* - termo que designa habilidades cognitivas que promovem compreensão mútua de estados mentais e intenções (Tomasello, 2003); enquanto que a *intersubjetividade*, realça as capacidades presentes em estágios iniciais do desenvolvimento que possibilitam o compartilhamento de estados emocionais e experiências com outros indivíduos (Trevarthen & Aitken, 2001).

Todavia, questionamentos são realizados considerando que conceitos que priorizam os aspectos cognitivos das habilidades de compreensão social excluem a possibilidade de compreensão das exibições comportamentais em espécies não humanas e em crianças pequenas, sobre os quais existe um corpo de produção robusto (de Waal, 2002). Acredita-se que essa limitação também pode ser estendida para a compreensão de processos cooperativos entre membros de etnias distintas, que não compartilhariam entre si significados culturais.

Esforços têm sido realizados na literatura da área buscando a superação da dicotomia visando o desenvolvimento de conceitos multidimensionais. Guimarães e Cravo (2015) em seu capítulo denominado de “Understanding others without a word” discutem a necessidade de uma abordagem integrativa para os estudos que se debruçam sobre os processos culturais de construção e compartilhamento de significados, de forma a evidenciar a relevância dos fenômenos comunicativos corpoereados.

Essa abordagem é posteriormente retomada nas discussões realizadas por Guimarães (2017), ao discutir que estes fenômenos, anteriores à interação verbal, estariam na base dos processos que permitem a apreensão e compartilhamento dos sentidos das ações de um campo de informações culturais. Através da utilização do termo *sintonização*, o autor reflete sobre a coordenação dos afazeres cotidianos de uma dada

cultura (ritmos), como caminho que levaria à emergência de múltiplos sentidos sobre as experiências vividas nas relações culturais.

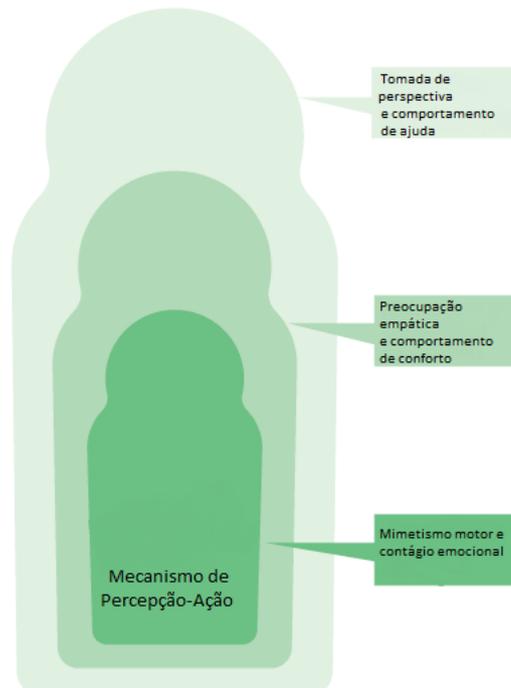
De Waal e Preston (2017), propõem o termo *empatia* para indicar um fenômeno “guarda-chuva” que abarcaria os processos que emergem da capacidade dos observadores compreenderem os estados de outros, através da ativação da sua própria representação pessoal, neural e mental daquele estado.

Any process that emerges from the fact that observers understand others' states by activating personal, neural and mental representations of that state, including the capacity to be affected by and share the emotional state of another; assess the reasons for the other's state; and identify with the other, adopting his or her perspective. (p.498).

Este conceito reflete a visão evolutiva que compreende que organismos e capacidades complexas emergem de forma gradual. Eles evoluiriam em camadas, na qual cada nova camada seria construída em cima e dependeria das camadas anteriores, sem as substituírem, como é indicado no modelo da “Boneca Russa” (de Waal & Preston, 2017).

Os vários componentes que compõem a resposta empática, foram adicionados a cada camada evolutiva, porém se mantendo funcionalmente integrados, e em seu núcleo está o mecanismo da percepção-ação, o qual induz um estado emocional similar no observador e no alvo, e possui como expressões mais básicas o contágio emocional e o mimetismo motor.

Figura 1: Modelo da Boneca Russa



Fonte: de Waal & Preston, 2017.

De acordo com o modelo de Percepção-Ação, os indivíduos percebem as emoções dos pares devido as habilidades do sistema nervoso que evoluiu para mapear os estados e emoções de outros a partir das representações das experiências do próprio indivíduo (de Waal & Preston, 2017).

EM CONSTRUÇÃO

## Referências

- Alcock, J. (2016). *Comportamento animal: uma abordagem evolutiva*. Porto Alegre: Artmed editora.
- de Waal, F. (2013). *The age of empathy*. New York: Harmony.
- de Waal, F. B., & Preston, S. D. (2017). Mammalian empathy: behavioural manifestations and neural basis. *Nature Reviews Neuroscience*, 18(8), 498.
- Guimarães, D. S., & Cravo, A. M. (2015). Understanding others without a word: Articulating the shared Circuits Model with Semiotic-Cultural Constructivist Psychology. In: Beckstead, Z. *Cultural Psychology of Recursive Processes*. Charlotte, NC: Information Age Publishing. p.143-161.
- Guimarães, D. S. (2017). *Multiplicação dialógica: ensaios de psicologia cultural*. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo, São Paulo (SP).
- Hrdy, S. B. (2011). *Mothers and others*. Cambridge: Harvard University Press.
- Macedo, R. H. F. (2011). Cooperação animal. In: Yamamoto, E. M.; & Volpato, G. L. *Comportamento Animal*. Natal: UFRN. p.1745-190.
- Preston, S. D., & de Waal, F. B. (2002). Empathy: Its ultimate and proximate bases. *Behavioral and brain sciences*, 25(1), 1-20.
- Tomasello, M., & Gonzalez-Cabrera, I. (2017). The role of ontogeny in the evolution of human cooperation. *Human Nature*, 28(3), 274-288.
- Tomasello, M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Trevarthen, C., & Aitken, K. J. (2001). Infant intersubjectivity: Research, theory, and clinical applications. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 42(1), 3-48.

Vieira, M. L., Rímoli, A. O., Prado, A. B., & Chelini, M. O. (2009). Cuidado e responsividade parentais: Uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In: Yamamoto, ME & Otta, E. (eds.) *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 86-95.